

DIFICULDADES E MUDANÇAS EXPERIENCIADAS PELA FAMÍLIA DE UMA CRIANÇA SURDA

Karoline Mayana da Silva Borges ¹

RESUMO

Este artigo teve como foco identificar os problemas, aspectos e experiências de famílias ouvintes com filhos surdos, identificar as possíveis estratégias e facilitadores de comunicação, bem como conhecer os problemas e a experiência de cada uma, relatando o ponto de vista dos pais com relação às dificuldades apresentadas cotidianamente no convívio com seu filho surdo. Diante desta perspectiva procuramos entender as experiências da criança com deficiência auditiva no âmbito familiar e como a família realiza a comunicação com a mesma. É uma pesquisa qualitativa descritiva que foi realizada com 02 (duas) famílias onde residiam crianças surdas que estudavam uma escola pública. Para discutir a temática em questão utilizamos relevantes referenciais teóricos, que formam conceitos importantes para a compreensão do objeto de estudo, dentre eles estão: BARDIN(2009), BRITO(1999), FREIRE(2002), entre outros. Estruturamos o presente trabalho em cinco seções: a primeira seção traz os dados introdutórios ao estudo, com a sua contextualização, problemáticas e objetivos; em seguida, na segunda seção, apresentamos o referencial teórico descrevendo sobre a surdez e sua definição, Inclusão da pessoa com surdez e Surdez e a família; na seção subsequente, terceira, apresentamos a trajetória metodológica do estudo, na quarta apresenta-se e discute-se os dados coletados acerca da temática em discussão; por último, na quinta seção as considerações finais do estudo. No que se diz respeito à coleta e dados analisados confirmaram-se dificuldades em relação a aceitação e convívio. Percebemos nos relatos dos pais a experiência vivida pelas famílias, diante do processo de diagnóstico de deficiência auditiva dos filhos, que representa um dos momentos mais tristes em suas trajetórias de vida, onde experienciam a perda dos sonhos, o choque e a angústia.

Palavras-chave: Famílias, Filhos surdos, Deficiência Auditiva, Experiências.

INTRODUÇÃO

Este artigo teve como foco mostrar os problemas, aspectos e experiências de famílias ouvintes com filhos surdos, identificar as possíveis estratégias e facilitadores de comunicação, bem como conhecer os problemas e a experiência de cada uma, relatando o ponto de vista dos pais com relação às dificuldades apresentadas cotidianamente no convívio com seu filho surdo. No que se diz respeito à família, esta deve oferecer a pessoa surda um lugar onde possa aprender a relacionar-se em sociedade e desenvolver-se segurança, exigindo de cada membro da família uma redefinição de papéis, cobrando-se deles mudanças de atitudes e novos estilos de vida. Isso requer respeito, aceitação das diferenças e que a partir disso possa haver um despertar para uma vida e uma consciência social mais inclusiva visando um mundo mais humanizado e mais próximo.

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UF, karolinemayana@gmail.com;

O estudo foi realizado com duas (02) famílias de crianças surdas, onde a primeira é composta por cinco pessoas, pai, mãe, e três filhos e a segunda é formada por seis (06) pessoas, o pai, mãe, e quatro filhos, onde podemos verificar padrões financeiros mínimos, onde apenas um destes colabora para o sustento de todos. As crianças surdas citadas na pesquisa estudam em escola pública, em sala de aula regular. O nosso trabalho pretende relatar quais os comportamentos de cada família perante a convivência com um familiar surdo e a partir disso apresentar, pesquisar e analisar as diversas formas de inserção da pessoa surdo na família ouvinte.

Nesta pesquisa, desejou-se verificar a influência da família na aprendizagem da pessoa surda; identificar as dificuldades de convivência das famílias ouvintes com os filhos surdos; Explorar acerca dos sentimentos por parte da família de um surdo perante as dificuldades de comunicação;

O interesse pelo tema desse estudo deu-se pela necessidade de conhecer como as famílias se relacionam com a pessoa surda, demonstrar a importância da aprendizagem da língua de sinais no contexto familiar, visto que é notável uma deficiência no que se diz respeito a isso, já que por motivos sociais, financeiros, ou mesmo por falta de acesso à educação essa aproximação maior de comunicação até mesmo no âmbito familiar ainda aconteça através de gestos.

Reconhecemos que os primeiros passos para o desenvolvimento natural e social do ser humano são dados dentro da família, a qual é fonte e base das primeiras experiências da criança, essa relação deve ser positiva para a formação da criança, pois quando há perturbações nesta interação poderá negativamente afetar o desenvolvimento social, mental da mesma.

Como profissionais da educação, reconhecemos a necessidade da sociedade se adequar e conhecer melhor a língua do surdo, principalmente dentro da instituição família uma vez que ela propicia o desenvolvimento linguístico e cognitivo, social da criança surda, pois é a partir dos estímulos dentro do ambiente familiar, que a pessoa surda consegue vencer suas dificuldades, o uso da LIBRAS é fundamental para o bom relacionamento entre ouvinte e surdo, a comunicação não deve ser considerada uma mímica, mas sim uma comunicação através das mãos, visual, compreendida principalmente por ser a primeira língua do surdo. Estruturamos o presente trabalho em cinco seções. A primeira seção traz os dados introdutórios ao estudo, com a sua contextualização, problemáticas e objetivos. Em seguida, na segunda seção, apresentamos o referencial teórico descrevendo sobre a surdez e sua definição, Inclusão da pessoa com surdez e Surdez e a família. Na seção subsequente, terceira, apresentamos a

trajetória metodológica do estudo, na quarta apresenta-se e discute-se os dados coletados acerca da temática em discussão. Por último, na quinta seção as considerações finais do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico consiste em um apanhado de discussões já feitas por outros autores sobre determinado assunto, onde são apresentados os mais importantes conceitos, justificativas e características sobre o assunto abordado, do ponto de vista da análise feita por outros autores. Para discutir a temática em questão foram usados relevantes referenciais teóricos, que formam conceitos importantes e ideias essenciais para a compreensão do objeto de estudo, dentre eles estão: ALMEIDA(1993), BARDIN(2009), BRITO(1999), FREIRE(2002), GOLDFELD(1997), GRANNER(2002), OSÓRIO(1996), SKLIAR(1997).

Os autores foram bastante relevantes para compreensão do tema estudado, uma vez que possibilita a relação entre os dados obtidos com o pensamento dos autores baseados em pesquisas, os mesmos foram determinados segundo o direcionamento de suas teorias com o objeto de estudo do presente artigo.

2.1 A surdez e a sua definição

A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição.” (MEC, 2006). A surdez pode ser: leve, moderada, acentuada, severa, profunda e anacusia e estas atribuições são avaliadas por graus de decibéis. É considerado surdo a pessoa que possui perda total da audição, ou seja, que não ouve nada. Por outro lado é considerado surdo parcial toda pessoa que possui a capacidade de ouvi, onde apesar de deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva.

Segundo o pensamento de Osório (1996), família é o núcleo inicial e a base do desenvolvimento da criança, pois é através dela que a criança adquire os primeiros exemplos de socialização, comunicação e afetividade. A influência da família é o fato do lar e a vida familiar proporcionar, através do ambiente físico e social, as condições necessárias ao desenvolvimento da criança. Cambruzzi afirma que:

é importante notar que as famílias são imprescindíveis no processo educacional dos filhos, pois, as crianças demonstravam que estavam desenvolvendo autonomia, conscientização do outro e a convivência em grupo. Lembra que vale salientar que é

fator fundamental a parceria escola/família, pois são agentes de transformação em termos individuais e, coletivamente, favorecem a mudança de visão, ainda distorcida, que a sociedade tem à respeito do deficiente (1998, p.90)..

Sendo assim a família é agente primário de socialização e afeto, as quais podem ser responsáveis pelos futuros comportamentos no meio social, ou seja, essa relação irá garantir que o filho adquira uma aprendizagem e desenvolva sua autoestima e se relacione bem e de forma humana na sociedade.

Para Rey e Martinez (1989) a família compõe o universo primordial de relações sociais da criança e pode influenciar sobremaneira o desenvolvimento do indivíduo devido às grandes cargas emocionais que permeiam as relações entre seus membros. Visto isso, a convivência e as relações familiares são complicadas, pois implica individualmente de cada ser humano e das vivências da família como um todo (suas crenças, valores e costumes).

De certa forma não podemos deixar de considerar que o desenvolvimento da criança surda ou qualquer criança é resultante do empreendimento conjunto entre ela e o adulto, que convive com ela e principalmente pelas interações que são cruciais para as formações psicológicas da criança. Muitas vezes as famílias enfrentam muitos problemas por não aceitarem a deficiência, pois optam por acreditar que a criança surda é incapaz ou que a mesma vai ficar “curada”, tornando-se muitas vezes uma descoberta traumática e confusa. Diante disso, as famílias não buscam aprender LIBRAS e nem um aperfeiçoamento para uma melhor comunicação entre ambos.

Para FELIPE (2007) os surdos por não se comunicarem com as pessoas ouvintes decidem relacionarem-se com pessoas surdas, talvez pela própria identidade e domínio da língua de sinais. Às vezes, a maneira como a sociedade cria piadas, demonstra a incompreensão da surdez. Vale ressaltar que muitas vezes o preconceito com a pessoa surda começa em casa e se estende por todos os âmbitos na vida dessa pessoa com deficiência, onde passam a ser identificadas como um ser incompleto, incapaz, deficiente.

2.2 Inclusão da pessoa com surdez

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/2008) define a educação especial como modalidade de ensino transversal a todos os níveis e modalidades, realizada de forma complementar ou suplementar à escolarização dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, matriculados em classes comuns do ensino regular. Nesse sentido, a

Política orienta os sistemas de ensino para garantia do ingresso dos estudantes com surdez nas escolas comuns, mediante a oferta da educação bilíngue, dos serviços de tradutores intérpretes de Libras/Língua Portuguesa e do ensino de Libras.

Os surdos já conquistaram muitos avanços na educação, no mercado de trabalho e já é notório que já existe um apoio nas escolas a essas pessoas, pois muitas escolas já dispõem do profissional “intérprete de libras”, embora saibamos que não funciona em sua totalidade, pois nem todos os surdos possuem o apoio desse profissional em sala de aula.

É notório que melhorias na área da Libras ocorrem com o passar dos anos, podemos afirmar que hoje a inclusão se faz de modo mais dinâmico, embora que ainda possamos perceber alguns transtornos, como falta de capacitação por parte dos professores, as escolas que não dispõem de materiais e equipamentos adequados para esse relacionamento e ensino, etc. Vale ressaltar que, a educação inclusiva parte do princípio de que a escola regular é direito) de todos os cidadãos, onde estes devem se desenvolver e aprender juntos, respeitando e se adequando as necessidades específicas de cada um. Quanto aos benefícios por parte do governo, este vem desenvolvendo políticas públicas e sociais que auxiliam a custeamento da criança na escola, dentre esses podemos citar: benefício da previdência; aposentadoria para os filhos com algum tipo de deficiência; bolsa família; bolsa escola; distribuição de medicamentos, etc.

2.3 A surdez e a família.

A família como instituição e grupo de relacionamento deve priorizar em seu convívio a aceitação das diferenças entre seus membros. A família que reconhece na pessoa surda sua dignidade, integridade e direitos como ser humano, que possui seus limites, passa a lutar para melhorar sua qualidade de vida e assim lutar para que este possa ser um indivíduo capacitado e preparado para a vida em suas diversas áreas. Vale ressaltar que é na família que se começa a sociedade, pois é nela que as pessoas começam a buscar sua maturidade através das trocas entre si. Porém, para que isso ocorra a família deve assumir a condição do filho(a) surdo. Gomes (1994), considera a família como agente primário de socialização, possuindo cada uma delas regras que regulam o seu funcionamento.

O apoio da família constitui-se numa base para a socialização do surdo, sua compreensão para com o filho faz com que o surdo aceite suas diferenças, diante disso percebe-se que a forma como a pessoa surda é tratada em casa irá determinar a imagem que ela terá de si mesma. Muitas vezes as famílias com crianças surdas não sabem como lidar com a deficiência, não conhece a cultura a qual a pessoa surda se integra e acabam dando pouca

importância para o desenvolvimento dela ou tentam forçá-las aos métodos de comunicação como a oralização e a não aceitação da língua de sinais.

Brito e Dessen (1999), ao descreverem sobre os problemas vivenciados pelas famílias que possuem um filho(a) surdo(a), constataram que por várias vezes ocorrem momentos marcados por desequilíbrios, sendo considerados como fatos normais. Esses momentos, lamentavelmente, não são muito conhecidos, mesmo que através destes possam desencadear problemas no desenvolvimento da criança. Depois da descoberta da deficiência do (a) filho (a) a família passa a viver momentos “difíceis”, modificando assim as relações entre família até que esta se adapte a nova realidade.

Verificou-se que os surdos foram investigados têm dificuldade de inclusão social por eles não possuem conhecimento da língua de sinais. Por outro lado, suas famílias possuem dificuldade da aceitação da surdez, e não entendem a importância da Língua de Sinais (LIBRAS) para o desenvolvimento do surdo e para o seu melhor relacionamento familiar.

É preciso que estes pais percebam e conheçam que a Libras é a língua da comunidade surda brasileira, ela possui suas próprias regras, de forma que facilita o desenvolvimento linguístico da pessoa surda, dando ao sujeito surdo acesso aos conhecimentos da sociedade. Também possui uma estrutura em parâmetros, com combinação do movimento das mãos em determinados espaços como corpo ou um espaço em frente ao corpo. Embora seja uma língua natural do surdo, ela pode ser aprendida por qualquer pessoa que se interesse pela comunidade surda, a qual conforme Karin Strobel (2008) comunidade surda significa aquelas pessoas que usam a língua de sinais, ou seja, familiares de surdos, profissionais da área da surdez, professores, intérpretes, tradutores, instrutores de Libras, amigos ou pessoas participam e compartilham dos mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros grupos.

METODOLOGIA

A metodologia consiste na forma ou na maneira pela qual o pesquisador aborda o fenômeno em estudo, ou seja, o método utilizado pelo pesquisador para alcançar os objetivos propostos. O presente estudo classifica-se como qualitativo e quanto ao seu objetivo, assume caráter descritivo. A pesquisa qualitativa descritiva busca coletar, organizar e interpretar dados que permitam a análise da problemática investigada, sendo que não tem por objetivo enumerar ou medir os eventos que estão sendo estudados, e não emprega instrumental estatístico na análise dos dados, mas envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e

processos interativos pelo contato direto que o pesquisador tem situação estudada, buscando compreender os fenômenos, segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995). Segundo Triviños (1987), a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Para a realização desta pesquisa, houve a participação de duas famílias com filhos surdos na cidade de Paraibano-MA estudantes da escola Municipal Adonias Lacerda. Dessa forma é essencial a descrição dos fatos ocorridos para profundas análises da realidade pesquisada, verificamos neste aspecto a relação entre os elementos sociais, econômicos, políticos, as transformações e causas do fenômeno estudado. É uma pesquisa de carácter livre, as famílias foram escolhidas por terem filhos surdos que estudam nas escolas públicas em salas regulares com outros alunos e professores ouvintes.

Os dados foram coletados a partir da observação das relações familiares com os filhos na escola Municipal Adonias Lacerda durante um mês e duas visitas à casa das famílias. As visitas em domicílio aconteceram de forma amigável estabelecendo um vínculo de confiança entre pesquisador e pesquisados. Como recurso de coleta de dados utilizou-se uma entrevista, onde as famílias informaram dados pessoais para que houvesse a análise dos dados, momento em que o pesquisador vivencia junto à família as dificuldades de convivência entre eles e seu filho surdo. A organização e análise dos dados ocorreram a partir das nossas observações e das respostas dadas a entrevista. Minayo (1986) defende a entrevista semi-estruturada como sendo um fenômeno que permite aproximarmos os fatos ocorridos na realidade da teoria existente sobre o assunto analisado, a partir da combinação entre ambos.

Elegemos categorias com base nos dados coletados, pois “as categorias empíricas emergem da pesquisa de campo, onde para cada questão formulada ou para cada item do roteiro de entrevista estabelecemos as categorias empíricas” (OLIVEIRA, 2012, p.97).

Assim, com base nos nossos dados empíricos, construímos as seguintes categorias:
Categoria 01 - Conhecer os sentimentos que permeiam a convivência das famílias que possui familiar surdo; Categoria 02 - Descrever as dificuldades/mudanças experienciadas pela família.

Os depoentes foram identificados com nomes fictícios, como forma de garantir a privacidade e sigilo de suas informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados analisados e observados neste estudo com duas famílias ouvintes com filhos surdos foi feita com intuito de identificar as dificuldades de convivência destas famílias com seus filhos surdos. Nesta pesquisa os depoentes foram identificados com nomes fictícios, Sandra e Joana, como forma de garantir a privacidade e sigilo de suas identidades.

4.1 A família e o surdo: sentimentos e expectativas

Ao analisar esta categoria podemos observar na residência de cada participante uma dificuldade na comunicação entre pais e filhos surdos, perguntou-se aos pais como eles reagiram diante do diagnóstico de surdez em seu filho, as mães relataram que antes do diagnóstico tiveram suspeitas de que algo não estava indo bem. Além disso, sentem-se culpadas por acreditarem que a surdez é uma consequência de uma doença que adquiriram na gravidez.

As famílias citadas não buscam instituições de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, o que ocasiona uma convivência entre a família e seu filho surdo uma tortura ou seja, não existe diálogo e conseqüentemente há um distanciamento entre os membros da família.. Nas respostas dadas por elas é perceptível que as mães sofreram bastante quando descobriram a surdez do filho e suas limitações e ainda continuam sofrendo com isso, é notório a “confusão” por parte das famílias em conviver com um deficiente auditivo.

“Quando eu descobri que a minha filha não me escutava fiquei com muito medo, porque a gente sabe que as pessoas acham os surdos doentes e doidos, mas ela não tem culpa de ser desse jeito, tenho que aceitar minha filha como ela é. Quando eu estava grávida tive rubéola, mas ninguém queria que ela fosse assim, porque nunca foi fácil, não é fácil, você aceitar, mas acredita que penso que um dia ela vai voltar a ouvir, não sei como, mas tenho essa esperança (SANDRA).”

“Tive rubéola na gravidez, então quando ele nasceu eu já fiquei ligada, principalmente quando eu estava sozinha, eu percebia que ele não me ouvia, aí eu fazia barulho e percebi que ele não dava atenção. Eu derrubava e batia nos objetos, mas ele não se assustava. Aí depois eu procurei o médico e fiz exame nele e descobri que ele era surdo, fiquei muito triste, chorei demais, mas o que eu podia fazer? Aceitar, né?!?! Ele é meu filho, mas de verdade eu fiquei muito triste (JOANA).”

Petean (1995) afirma que muitos pais têm uma preocupação de que eles tenham sido os causadores do problema. Ato passado ou presentes tendem a emergir juntamente com os sentimentos de auto-recriminação e remorso. Os pais sentem que estão sendo punidos por alguma falta grave que cometeram e por isso o “castigo”. Diante do exposto, podemos perceber que as mães possuem medo e vergonha de falarem sobre seus filhos, por considerarem a surdez

uma invalidez que vai prejudicá-los em todos os segmentos de suas vidas, tornando-os incapazes de realizar-se em sociedade.

Podemos afirmar que a chegada de um membro portador de alguma deficiência na família ocasiona mudanças substanciais dentro da mesma, mudanças essas que podem ser positivas ou não.

Segundo Marchesi (1995), a reação da família de um surdo é de muita revolta, medo de preconceito e às vezes de rejeição pelos próprios familiares, o desconhecimento da surdez leva a prática de atitudes absurdas e inaceitáveis para com o sujeito surdo.

4.2 Desafios presentes no convívio familiar

No período de pesquisa e observação na casa das famílias percebemos as dificuldades vivenciadas pelos familiares dos surdos, e que o principal empecilho é a falta de comunicação entre surdos e ouvintes. A família atua no sentido de amparo físico, emocional e social do surdo, porém é notório que isso ocorre de forma parcial nas famílias pesquisadas. Visto isso, a maior preocupação por parte das famílias era tomar cuidado para que o surdo não se machucasse, ou mesmo ocorresse algum acidente doméstico com ele, por várias vezes os surdos comunicavam-se com seus parentes através de mímicas; muitas vezes os ouvintes gritavam e articulavam de forma exagerada com a boca à fim de que o mesmo pudesse entender. Isso acarretava muitas vezes uma fadiga e irritação por parte do surdo por não ser compreendido.

No que se diz respeito aos pais, estes eram mais tímidos, mas reconheciam que era necessário que os membros da família aprendessem LIBRAS, porém diziam que não havia tempo para tal aprendizado pois precisavam trabalhar para o sustento da família. Podemos perceber que as mães entrevistadas, embora com dificuldade tentam se adequar da melhor forma possível a vida das crianças, um grande exemplo de renúncia e superação.

“Como a minha filha é surda, eu procuro estar sempre ao lado dela e organizar os meus horários para estar disponível quando ela precisar. Eu penso que se eu não estiver dando apoio para ela nas dificuldades eu vou ser injusta. Eu sempre quis que ela aprendesse a língua dela pra ela dizer o que ela quer, o que ele ta sentindo, ainda bem que ela está aprendendo”. (SANDRA).

Eu não sei ler muito bem, mas no colégio dele tem uma pessoa que “fala” LIBRAS e está ajuda ele demais nas tarefas, às vezes ele chega aqui fazendo umas “mímicas”, é até engraçado (risos), aí ele diz que eu tenho que aprender e que todo mundo tem que aprender. Eu acho bom que os irmãos aprendam porque senão ele vai falar com quem dentro de casa? Mas o meu sonho mesmo é que ele volte a ouvir e a falar porque aí ia

ficar bom demais. Não quero que ele sofra preconceito porque do jeito que ele é surdo ele vai se sentir inferior aos outros. (JOANA).

Neste segundo momento percebemos que as mães dentro dos seus limites procuram sempre estar perto dos seus filhos atendendo da melhor forma suas necessidades e limitações. Segundo Regen e colaboradores (1993) “as atitudes preconceituosas para com a deficiência ocorrem nas mais diversas camadas sociais [...] os familiares, os vizinhos, os amigos e a sociedade como um todo quase sempre demonstram compaixão e pena, assumindo atitudes superprotetoras ou mesmo fingindo ignorar o fato”.

Podemos perceber no momento da observação os pais sempre falavam que seus filhos tinham facilidade de se envolver com as pessoas, que eram carinhosos, faziam amizades, mas que muitas pessoas as vezes ficavam sem paciência para se comunicar com eles, por isso os pais ficavam sempre de olho. O que é notório é que os pais funcionam como uma espécie de vigia para os filhos e que para eles a surdez tem sido definida como um empecilho que isola a criança da sua família e da comunidade de uma forma geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo abordamos um tema bastante relevante que foi “dificuldades e mudanças experienciadas pela família de uma criança surda”, acreditamos na dificuldade dos pais em aceitar seus filhos surdos como um indivíduo que precisa ser melhor compreendido. Refletimos sobre o papel da família, pois esse é um estímulo essencial, que pode ser instigado principalmente pelos pais da criança, visto que sua família é o referencial necessário para que ela se sinta bem e capaz de se comunicar, desenvolvendo-se nos âmbitos sociais, linguísticos e educacionais.

Percebemos nos relatos dos pais a experiência vivida pelas famílias, diante do processo de diagnóstico de deficiência auditiva dos filhos, que representa um dos momentos mais tristes em suas trajetórias de vida, onde experienciam a perda dos sonhos, o choque e a angústia.

Observando outros pontos como as políticas de acolhimento das famílias com deficientes ainda são deficitárias, pois se constatou que existem as escolas que em partes beneficiam as crianças, mas que os pais necessitam de um acompanhamento qualitativo para melhor se capacitarem em relação à atenção das necessidades básicas de seus filhos, diante de seus relatos foi possível perceber que alegam não ter escolas que os ensinem LIBRAS, então como falar com seus filhos.

Portanto, sugere-se um projeto educativo voltado para estas famílias que precisam

trabalhar pelo sustento de seus filhos e que não disponibilizam de tempo integral para se capacitarem. Assim sendo, os resultados da pesquisa foram satisfatórios para os fins a que se destinava, e possui grande contribuição para o ambiente acadêmico atual, pois gerou muitos conhecimentos acerca de fatos importantes.

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. **A criança deficiente e a aceitação da família.** Rio de Janeiro Nova Era 1993.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Edições 70 Lisboa Portugal. 2009.
- BOSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais.** Rio de Janeiro; Recorde 2000.
- BRITO A. M. W; DESSEM M. A. **A criança surdas e suas famílias: um panorama geral.** Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre, v.12, nº 2, p.429-449, 1999.
- CAMBRUZZI, Rita de Cássia Silveira. **Estimulação Essencial ao portador de Surdez.** Anais do III Congresso Ibero-Americano de Educação Especial, volume 3. Foz do Iguaçu – PR: Qualidade, 1998. p. 86-90
- FREIRE, P. **Educação e Mudanças.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.
- FELIPE, Tanya A. **LIBRAS em contexto: Curso básico: Livro do estudante.** 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: Linguagem e cognição uma perspectiva sócio interacionista.** São Paulo, Plexus, 1997.
- GRANNER, D. M. **Português por escrito para usuários de Libras.** Rev. Integração Ministério da Educação. Secretária da Educação Especial. Brasília. Ano 14, nº 24, p. 49-51, 2002.
- GOMES, H. G. **Educação para família: uma proposta de trabalho preventivo.** Rev. Bras. Cres. Des. Hum., São Paulo, v. 4, n. 5, p. 34-35, 1994
- GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.
- LUDKE, M; ANDRÉ M. E. D. **A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, EPU, 1986
- .
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 3.ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa quantitativa**. 4^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**: Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4.ed. – PETRÓPOLIS, RJ : Vozes, 2012.

PARPINELLI, E. P. **Deficiência**: família e prevenção. 1º Ed. Londrina/PR. 1997.

PETEAN, E. B. L. (1995). **Avaliação qualitativa dos aspectos psicológicos do aconselhamento genético através do estudo prospectivo do atendimento das famílias**. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REGEN, M; ARDORE, M; HOFFMANN, V. M. B (1994), **Mães e filhos especiais**: Relato de experiência com grupos de mães de crianças com deficiências. Brasília: Corde

REY, F.G. e MARTINEZ, A.M. **La personalidad**: su educación y desarrollo. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

SILVA, S. F. **Experiências e necessidades de mães após o diagnóstico de deficiência mental do filho**. São Paulo, SP, 1988. Dissertação de Mestrado não publicado em Psicologia – Univerdidade Federal de São Carlos.

SKLIAR, C. (Org.) **Educação e Exclusão**: abordagem sócio antropológicas em educação especial. Porto Alegre. Meditação. 1997.

STROBEL, Karin, **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.